

De volta à zona de
200 milhas náuticas
(Zona Económica Exclusiva, ZEE)

A Sharkproject International e.V. é uma organização (ONG) de atuação internacional. O nosso objetivo é proteger o ecossistema marinho e os seus habitantes. Os tubarões são peixes predadores no topo da cadeia alimentar. Caso venham a desaparecer devido à sobrepesca, o ecossistema extingue-se.

Todos os anos, as frotas de pesca industrial espanholas e portuguesas capturam 60 000 toneladas de tubarões no Atlântico Norte. A carne é vendida no mercado europeu e as barbatanas são exportadas para a Ásia.

Segundo estudos realizados, de 2004 a 2010 desapareceram no Atlântico Norte 66% dos tubarões-rinquinim, 76% dos tubarões-azuis, 89% dos tubarões-martelo e 98% dos tubarões-galhudos. A situação não melhorou até 2013. Os restantes tubarões continuam a ser alvo de perseguição impiedosa para poder vender as barbatanas de tubarão ao mercado asiático.

Os Açores desempenham um papel especial na caça aos tubarões. O arquipélago é uma reserva importante e habitat para os tubarões de alto mar do Atlântico Norte. Até há dez anos, apenas poderia ser praticada pesca local na zona de 200 milhas dos Açores, a ZEE. Então, no âmbito das quotas da UE, o governo local liberou a zona de 100 milhas náuticas para os pescadores espanhóis e a zona de 30 milhas náuticas para os pescadores portugueses, o que teve consequências fatais para o ecossistema dos Açores.

O que começou como uma caça ao espadim-azul e ao espadarte, terminou depois da quase extinção dos espadartes numa caça direcionada aos tubarões. Em especial os tubarões-azuis, os tubarões-rinquinim e os

tubarões-raposa são bastante procurados devido às suas grandes barbatanas, que proporcionam um grande lucro no mercado asiático, em comparação com a carne do tubarão. 100 embarcações espanholas e 30 portuguesas pescam tubarões nas águas dos Açores e ao seu redor, a partir do continente. 85-90% dos peixes desembarcados são tubarões, o resto são espadartes e atuns.

No entanto, os "vencedores" não são os pescadores espanhóis, que recebem apenas uma fração do valor das barbatanas no mercado asiático. As barbatanas atingem lucros de 700-1200 \$ por kg no mercado asiático. Os pescadores espanhóis recebem 20-30 € por cada kg de barbatanas. A carne dos tubarões-azuis não vale quase nada. Atualmente é vendida a 28 cêntimos no mercado local. Em Vigo, os pescadores recebem 2-3 € por kg de carne de tubarão.

A carne de tubarão está extremamente carregada de metilmercúrio (1000 vezes mais prejudicial do que o mercúrio). Em julho de 2013, a Sharkproject comprou carne de tubarão nos supermercados em Ponta Delgada. As amostras de cação e tubarão-rinquinim que foram compradas estão bem acima dos valores limites de metilmercúrio estabelecidos pela UE. A carne de tubarão comprada era, portanto, altamente tóxica.

A UE desaconselha fortemente o consumo de tubarão pelas grávidas e pelas crianças. Os especialistas verificaram que os valores-limite de poluição por metais pesados são muito elevados. A Sharkproject, bem como a Greenpeace e a WWF, desaconselha fortemente o consumo de carne de tubarão por motivos de saúde.

Nos portos da ilha da Horta/Faial, segundo os números oficiais, todos os anos são desembarcadas e carregadas 2800 toneladas de tubarão provenientes das capturas feitas pelos espanhóis. A Sharkproject presume que os números sejam bastante mais elevados. De acordo com cálculos com base no número real de pescadores de tubarão que dão entrada nos portos da ilha da Horta, a Sharkproject estima que sejam cerca de 5000 toneladas por ano.

Para os pescadores de tubarão espanhóis, a Horta é um importante ponto de

partida para as viagens no Atlântico Norte. Poder desembarcar aqui significa não ter de viajar o caminho todo até Vigo/Espanha para poder fazer a descarga. Com o tanque cheio e abastecidos de provisões e de água potável, os pescadores podem voltar a capturar tubarões nas águas dos Açores diretamente a partir da ilha da Horta.

Graças à UE, desde 29/06/2013, a prática de finning é proibida em todos os países da UE e em todas as águas territoriais. Nesta prática, os tubarões são capturados, as suas barbatanas são removidas com eles vivos, sendo depois atirados para o oceano ainda com vida, onde acabam por morrer em agonia. Visto que as barbatanas trazem um grande lucro e a carne retira demasiado do potencial de carga dos navios, quase extinguindo o lucro, esta prática era frequente quando, a partir de 2004 foi proibida na UE, com algumas exceções mínimas (lacunas).





Agora, desde julho de 2013, em toda a UE, os pescadores têm de descarregar os tubarões inteiros, com as barbatanas e a cabeça no corpo. Consequentemente, isso garante que o finning é banido de vez. Também permite que as espécies de tubarão protegidas, como o tubarão-martelo (CIITES, anexo 2), sejam detetadas durante o desembarque.

Os pescadores locais dos Açores deparam-se com declínios drásticos dos recursos de pesca. Por um lado isso é uma consequência da pesca em alto mar local, que no passado foi praticada em excesso e que danifica o ecossistema dos Açores de forma contínua. Por outro, a pesca industrial e não sustentável de atum, espadarte e tubarão é a principal causa. Se os peixes predadores, os chamados „polícias de segurança“ dos mares, que estão no topo da cadeia alimentar, desaparecerem, os restantes animais também serão extintos em pouco tempo. O que fica é um mar vazio, como já se pode observar em vários locais nos Açores. Por conseguinte, por motivos de necessidade, frequentemente muitos dos pescadores locais não veem outra alternativa a não ser pescar nas últimas zonas protegidas que ainda restam.

Os cientistas locais alertam há muitos anos para os perigos da sobrepesca e constataram que até mesmo nas zonas protegidas os peixes são demasiado pequenos, pelo que até aqui se notam as consequências da sobrepesca.

Nos Açores, o turismo cresce a um nível constante. Os Açores são conhecidos mundialmente pelo seu turismo ecológico. Mergulhadores de toda a Europa vêm até aqui para mergulharem com os tubarões-azuis. Esta é uma importante fonte de receitas para a economia local. As bases de mergulho ganham até 3 000 000 de euros por ano com o mergulho com os tubarões azuis. Estes turistas adeptos do mergulho viajam até aos Açores, usam os voos domésticos, hospedam-se em hotéis ou apartamentos, deslocam-se em carros alugados, saem para comer fora, compram lembranças, fazem compras no supermercado, visitam museus, praticam whalewatching e muitas outras modalidades de mergulho. De acordo com os cálculos da Sharkproject, isso resulta em quase dez mais o valor das receitas obtidas com o mergulho, ou seja, até 30 milhões de euros para a economia local dos Açores.



Atualmente, os avistamentos de tubarões nos meses de verão no monte submarino Condor no Faial parecem relativamente estáveis. No entanto, as bases de mergulho no Faial e no Pico relatam também aqui um declínio drástico no número de animais. Tubarões-azuis adultos de grande porte raramente são avistados. Na zona ao redor de São Miguel e Santa Maria a situação é dramática. As bases de mergulho experientes, onde há anos se pratica o mergulho com os tubarões-azuis, relataram em 2012 um declínio de 20% e 0% de avistamentos em 2013. Na zona ao redor de São Miguel, os tubarões-azuis parecem estar quase extintos. Isto é fatal para as bases de mergulho que fazem publicidade a nível internacional ao mergulho com os tubarões-azuis.

A imagem de marca do turismo nos Açores como uma experiência com a natureza, tanto acima como debaixo de água, não combina com a exploração das zonas marítimas locais ao redor dos Açores e com o desembarque de tubarões na ilha da Horta. Caso esta imagem venha a ser manchada no estrangeiro, será difícil restabelecê-la. Visto que o turismo é uma fonte de receitas mui-

to importante para os Açores, os políticos locais têm de começar a agir.

A Sharkproject desenvolveu um programa de educação que tem como tema a proteção do mar. O programa é adequado para o terceiro ou quarto anos do ensino básico e inclui os capítulos „Plástico no mar“, „O ecossistema“ e „O tubarão“. Os professores também podem solicitar o programa à Sharkproject, sem custos, no formato em papel.

A Sharkproject iniciou uma campanha contra o consumo de tubarão nos restaurantes e hotéis dos Açores. O autocolante „No shark on the menu here“ assinala os restaurantes e hotéis que não têm tubarão no menu. O mesmo acontece com as empresas que lutam contra a captura do tubarão, as quais recebem o autocolante „We protect sharks“.

A Sharkproject exige:

A zona de 200 milhas (ZEE) tem de ser restabelecida como zona protegida exclusiva para a pesca local sustentável. Não se pode permitir mais a captura de tubarão no interior desta reserva e zona protegida. Isto faz com que as reservas de espadim-azul e de espadarte também possam recuperar. Os pescadores locais, que praticam pesca sustentável, têm de ser apoiados e incentivados. Além dos recursos estatais, poderia pensar-se num fundo de apoio financiado pelas receitas do mergulho com os tubarões. As escolas de mergulho e os pescadores deveriam ser solidários uns com os outros. Ambos os grupos profissionais têm o interesse existencial que o ecossistema dos Açores não seja destruído. Para tal, é necessário também o alargamento das zonas protegidas já existentes, nas quais já não se deve voltar a pescar. Consequentemente, estas zonas têm de ser protegidas e a pesca ilegal aí realizada tem de acabar.

A prática da pesca em alto mar local deve ser fundamentalmente repensada.

Os desembarques de tubarões nos Açores pelas embarcações espanholas têm de acabar imediatamente. Isto obriga os pescadores de tubarão a percorrer o longo caminho de volta a Vigo. Aliado ao transporte dos animais inteiros, que por conseguinte está associado ao grande requisito de espaço de carga, isto poderia significar o fim económico para muitos pescadores de tubarão espanhóis. Uma grande vitória para o ecossistema do Atlântico Norte.

Os cientistas têm de continuar a estudar as reservas e os trajetos de espécies de tubarões únicas no Atlântico Norte para que essas zonas possam ser colocadas sob proteção. Para tal, devem ser disponibilizados os meios de investigação necessários.

Deve-se pressionar os políticos e as empresas de pesca locais para promoverem e apoiarem a pesca local sustentável, fornecer formação contínua aos pescadores e proteger o ecossistema dos Açores.